

A LIGAÇÃO

EX-DIRETORA DO PRODASEN CONTA COMO FOI PROCURADA POR ARRUDA PARA VIOLAR O PAINEL

Na véspera da cassação do senador (dia 27 de junho de 2000, dia anterior a votação que cassou o mandato de Luiz Estevão), eu estava em casa de noite. Não vou ficar cotejando com horários como o senador procurou fazer (na quarta-feira, o senador José Roberto Arruda (PSDB-DF) discursou no Senado e exibiu cartas de pessoas atestando que estiveram com ele na noite do dia 27 de junho). Não tenho condição de fazer isso. Não anotei nada. Não tenho agenda eletrônica. Não fui em canto nenhum aquela noite. Nunca tomei a precaução de levar nada, nem um gravador, na conversa com o senador (refere-se ao encontro em que o Arruda teria lhe pedido para quebrar o sigilo do painel de votação).

O telefone da minha casa simplesmente tocou, eu estava lá. Faço uma estimativa do horário porque sempre fico até tarde no Prodasen. Nunca saio antes das 20h. Daí imagino que era por volta de 20h ou 21h. Pois bem, tocou o telefone. Acredito que a ligação veio do gabinete, transferida depois para o senador. Mas também não posso jurar. De qualquer forma, era uma ligação do senador José Roberto Arruda.

Ele falava que precisava conversar comigo pessoalmente. Eu ainda perguntei: "Vou ao Senado?". Ele falou: "você mora onde?". "Na 216 Sul", respondi. "Não. Eu moro na 114 Sul, pertinho. Pode vir então à minha casa", combinamos.

Fui. Na época não tinha preocupação de falar: aconteceu isso, a casa era de tal jeito. Eu nunca tinha ido à casa do senador antes para tratar de negócio nenhum. Eu posso ter ido em algum jantar talvez de um ou dois senadores, em alguma situação muito especial que tenham convidado os servidores, os diretores (...) Cheguei e ouvi um instrumento tocando. Pensei: "Será que está tendo festa?". Toquei a campainha e abriu um jovem que estava treinando um instrumento musical.

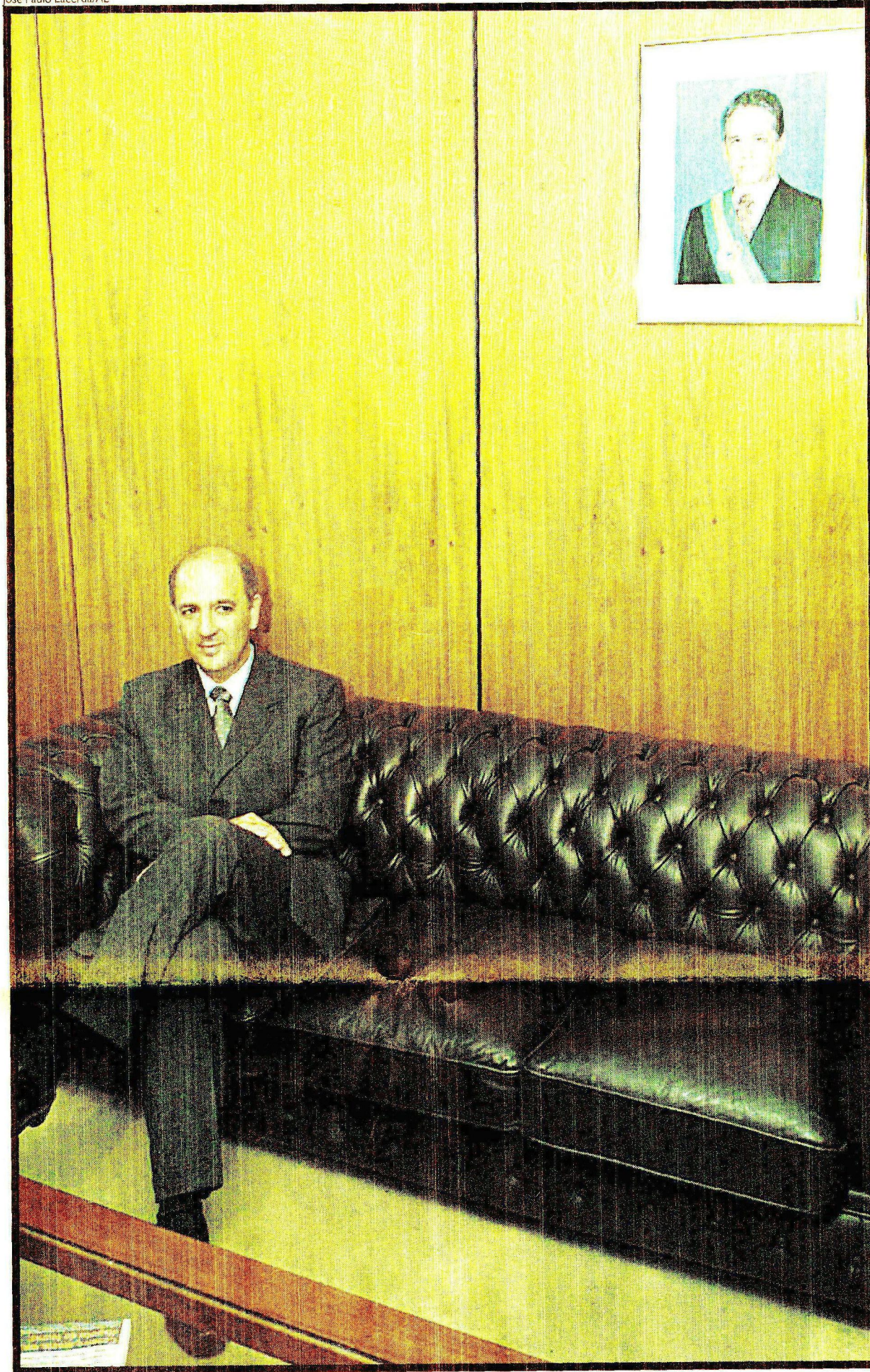
Em seguida, o senador me atendeu. O rapaz não ficou na sala. Não vou procurar reproduzir palavras porque estaria inventando. Vou passar obviamente a idéia do que aconteceu no dia. Ele (Arruda) disse que estava me chamando em nome do senador (refere-se a Antônio Carlos Magalhães). Querida que eu providenciasse uma lista de como votaram os senadores (refere-se a votação que cassou o mandato de Luiz Estevão).

Na hora não sabia o que fazer ou dizer. Meu primeiro impulso foi falar: "Senador não tem como tirar aquela lista daquele sistema". Ele respondeu: "Eu tenho informações que tem sim como tirar e o presidente (refere-se ao cargo de presidente do Senado ocupado por Antônio Carlos Magalhães) está pedindo para você tirar. Eu converso com ele nessa direção".

Eu parei sem saber o que pensar (...) Vinha a mente a exoneração. O que eu falo para meus colegas? Já sei que o pedido foi feito. O que faço agora? Tenho que confessar que atenuou a minha ansiedade, atenuou mas não justifica, o fato de eu ser contrária ao voto secreto. Acho que os senadores têm que olhar na cara ao votar (...) Pensei que não estaríamos mudando a vida de ninguém se cumpríssemos essa ordem. Pensei: "Não estou vendo jeito de não cumprir".

Se me fosse pedido para mudar o voto dos senadores tenho certeza

José Paulo Lacerda/AE



JOSÉ ROBERTO ARRUDA, AO SE DESLIGAR DO CARGO DE LÍDER DO GOVERNO NO SENADO: SEGUNDO ELE, AFASTAMENTO É UM GESTO DE "GESTO DE GRANDEZA E DESAPEGO"

za que jamais o faria! Ao sair dali, a última frase que falei ao levantar foi: "Senador, estarei saindo para tentar cumprir uma ordem". Cheguei em casa super aflita. O Ivar, meu marido, também funcionário do Prodasen como eu, trabalha lá há 25 anos. Hoje eu me distanciei da parte técnica porque me tornei gerente. Estou nessa área há mais de 10 anos. Hoje sou muito mais gerente do que técnica.

Ele (Ivar) não; continuou técnico. Então, sabe como mexer no sistema. Aí contei a história para ele, imaginando qual seria a reação dele por conhecer seus critérios rigorosos em determinadas coisas. Ele parou quieto. Antes, no entanto, preciso relatar um fato aqui, não como apelação (...) No início ano passado, eu fiz uma estereotomia (retirada do útero). Essa cirurgia altera muito as questões hormonais. Comecei a ter pressão alta e por isso comecei a baixar no hospital.

Diante disso, ele disse: "Não vou deixar você sozinha nessa, se você tem que fazer, vou fazer com você e assumir as consequências com você". Ele também não sabia como fazer. Tínhamos que ter acesso ao computador e embora a gente tenha sabido que o sistema tem tantos furos (a revelação foi feita pelo primeiro laudo da Unicamp que procurou indício de violação no painel de votação) não sabíamos como fazer. Sempre se teve uma preocupação em proteger o sistema contra o meio externo, mas contra os próprios servidores não tinha isso (...)

Se soubéssemos que esse sistema tinha tanto furo ninguém ia pelo caminho mais complicado, deixando tantos rastros por aí. Nós teríamos ido naquelas maneiras fáceis de sentar ali, de operar e sair. Não tínhamos idéia de nada disso. Então tínhamos de falar com a pessoa que toma conta da votação. Então ele tem a senha,

a chave da porta, sabe a operação do painel. Heitor Ledur é o nome dele. Ele tem um temperamento de origem militar, do tipo cumprir a ordem e vamos lá.

Chegamos na porta da casa do Heitor (Ledur, operador do painel de votação) e ele estava na barraca dos Estados (na Festa dos Estados, evento tradicional realizado em junho na cidade). Ficamos esperando ele sair por ali (perto do Pavilhão de Exposições do Parque da Cidade, onde se realiza a festa), em um restaurantezinho na rua (...) O Heitor concluiu que tínhamos que chamar alguém da empresa que participou da elaboração do software (a Eliseu Kopp foi firma gaúcha que instalou o software do painel de votação do Senado) (...) Tinha recentemente há um mês atrás mudado essa empresa. Tinha um rapaz de nome Gazola (Sebastião, técnico de informática free-lancer, que prestou ser-

viço ao Prodasen). Não sei o nome inteiro assim de pronto.

Ele seria a única pessoa que podia chegar com rapidez e dizer como se poderia fazer (...) Aí nós fomos e chamamos o menino. Eu não participei daí para a frente porque eles (Ivar e Heitor) foram encontrar com ele (Gazola) e eu fui pra casa aguardar. O tal Gazola veio e mostrou como é que era. Tivemos o cuidado de salvaguardar o Prodasen porque entre nós, a gente sabe, foi um pedido, uma ordem. Mas ninguém vai contar. Para o cara de fora ninguém vai dizer que vai fazer isso senão ele vai pensar o quê do Senado?

Então, vamos falar para ele que era para a segurança do sistema, que a segurança podia dar problema na hora da votação. Daí ficou pronto, mas aí tinha que trazer para introduzir na sala de votação, isso já era de manhã, era um dia complicado, já tinha segurança porque era um dia especial, quando foi de manhã eles entraram isso é terrível, é terrível estar contando isso mas é verdade, aconteceu, foi assim, eles entraram, mexeram, instalaram, já de manhã no dia da votação, durante a noite preparou e de manhã se instalou, se instalou e aí deixou o Heitor fazer a operação normal porque aí era a operação normal. Mais tarde, depois que acabou a votação, serenou o plenário, se voltou lá, pegou, botou o disquete, tirou e se transcreveu. Nessa parte eu estava presente. Se levou para um micro, onde estava só o Ivar e eu. Colocou-se o disquete, tirou, pegamos com o compromisso de não olhar o que estava escrito lá, a preocupação até de não olhar, botamos num envelope pardo, um papelzinho, era uma folhinha de papel ofício sem timbre, sem nada. Infelizmente eu vou ter que introduzir novas, algumas outras informações, porque eu estou sendo chocada e, veja bem, eu cumpri ordem, eu não vou deixar quem está debaixo de mim ficar descoberto e dizer também que foi ele, problema dele, não vou, não vou, fui eu que pedi para ele. Então eu vou bancar até as últimas consequências. Então fiquei de manhã de dar um retorno (para o senador Arruda), se seria possível, se dava para ser feito. Acho que foi pelo telefone que eu liguei e falei que tinha feito e que à tarde seria entregue o relatório. E ele tinha me dito que seria entregue ao senador Antonio Carlos Magalhães.

DEFININDO LIMITES

Se fosse só eu, não tem problema. Eu ia segurar de algum jeito. Veja bem é lógico que chega um momento — a gente errou ali atrás — mas então vamos falar a verdade agora e ficar livre do erro, assumir a culpa e tal. Mas vejamos o que estava envolvido no processo, eu sabia que estava aqui: um senador (José Arruda), outro senador (Antônio Carlos Magalhães), a senadora Heloísa Helena, um senador cassado (Luiz Estevão), a imagem do Prodasen — a situação que viria para os que estão debaixo de mim, para mim também, mas especialmente para os que estão debaixo de mim — a imagem da instituição.